

Espectros da difusão cultural norte-americana no Brasil

Os acervos dos centros binacionais como espaços da memória social das relações entre Brasil e Estados Unidos

Evidences of north american cultural diffusion in Brazil: collections of binational centers as social memory's spaces of relations between Brazil and the United States / Espectros de la difusión cultural norteamericana en Brasil: las colecciones de los centros binacionales como espacios de memoria social de las relaciones entre Brasil y Estados Unidos

Rodrigo Vieira Pinnow

Mestre em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade LaSalle, Brasil.
rodrigo.202121047@unilasalle.edu.br

Patricia Kayser Vargas Mangan

Doutora em Engenharia de Sistemas e Computação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade LaSalle, Brasil.
patricia.mangan@unilasalle.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa relativa aos centros binacionais norte-americanos no Brasil. As fontes sobre a fundação de 33 centros, a criação de uma coligação, as semelhanças nos processos de criação e expansão, e o papel dos atores norte-americanos e brasileiros estão preservadas nos acervos espalhados por diferentes unidades federativas. Tais instituições, como espaços públicos e de memória, preservam acervos que podem ajudar na compreensão das relações entre o Brasil e os Estados Unidos.

Palavras-chaves: memória social; centros binacionais; difusão cultural.

ABSTRACT

This article presents the partial results of a research about north american binational centers in Brazil. The sources about the foundation of 33 centers, the formation of a coalition, the similarities in its processes of creation and expansion, and the role of north american and brazilian actors are preserved in the collections spread across different federative units. Such institutions, as public and memory spaces, preserve collections that can help understand the relations between Brazil and the United States.

Keywords: social memory; binational centers; cultural diffusion.

RESUMEN

Este artículo presenta resultados parciales de investigaciones sobre los centros binacionales norteamericanos en Brasil. Fuentes sobre la fundación de 33 centros, la creación de una coalición, las similitudes en los procesos de creación y expansión y el papel de los actores norteamericanos y brasileños se conservan en las colecciones repartidas en diferentes unidades federativas. Tales instituciones, como espacios públicos y de memoria, preservan colecciones que pueden ayudar en la comprensión de las relaciones entre Brasil y Estados Unidos.

Palabras clave: memoria social; centros binacionales; difusión cultural.

Introdução

O objetivo deste artigo é elencar indícios da existência de uma rede de colaboração norte-americana formada por diferentes perfis de elites regionais, nas primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, o trabalho apresenta algumas características do processo de fundação dos primeiros centros binacionais e seus respectivos protagonistas, com ênfase na história do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano (ICBNA).

Em meados de 2008, um famoso curso de inglês de Porto Alegre, conhecido como Cultural, estava prestes a comemorar setenta anos de atuação como difusor da cultura norte-americana. Tratava-se de uma instituição referência no ensino de inglês, com oferta de testes de proficiência, biblioteca bilíngue, agência consular e programas de intercâmbio. O “curso”, como é comumente denominado localmente, estava situado no centro histórico da capital gaúcha, próximo à praça da Matriz, à Catedral Metropolitana, ao palácio Piratini e à Assembleia Legislativa – sede do Poder Executivo estadual, ou seja, um local privilegiado, com muita visibilidade e imponência.

Tendo em vista a concorrência no campo do ensino de inglês, a direção do ICBNA percebeu a data como uma oportunidade de marketing e divulgação do negócio. Para tanto, desenvolveu-se um projeto institucional que resultaria na criação de uma obra digital alusiva ao aniversário do ICBNA. O intitulado *Livro digital comemorativo aos 70 anos do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano* foi consequência do levantamento de informações sobre os acervos, a pesquisa, a seleção e a análise documental, numa parceria entre um historiador e um escritor local, ambos responsáveis pelo projeto, sob os auspícios da diretoria e do conselho deliberativo da instituição:

O projeto possuía restrições orçamentárias e tinha como missão aliar várias áreas – comunicação, cultura e história. Havia a necessidade de fortalecimento da marca e propagação da mesma, tornando-o, então, uma espécie de “ferramenta de marketing”. Por fim, aplicar-se-ia a esse objetivo uma roupagem que diferisse do que vinha sendo comumente comercializado no mercado porto-alegrense. Porém, sem o conteúdo histórico, a tal “ferramenta” não encontraria sustentação e talvez, só por esse motivo, a história do ICBNA teve sua devida valorização em sete décadas com uma publicação comemorativa. Entretanto, a alta cúpula institucional não achou interessante registrar o trabalho efetivamente como livro ou periódico, deixando claro que futuros volumes estariam definitivamente descartados. A questão cerne desta etapa do projeto foi indubitavelmente localizar as informações pertinentes ao foco

de interesse do ICBNA na época, escolhendo quais fontes seriam utilizadas dentro de um acervo ainda desorganizado, sem nenhum tipo de cuidado, e principalmente sem equipe de apoio. (Pinnow, 2014, p. 16)

Na medida em que o projeto foi avançando, foram identificadas muitas possibilidades de pesquisa, tendo em vista o volume e a diversidade do acervo documental do ICBNA, bem como das obras de arte. O acesso à documentação, em virtude do vínculo empregatício do historiador do projeto, permitiu conhecer aspectos importantes da memória social e da evolução cultural porto-alegrense.

A constituição do acervo documental e de obras de arte do ICBNA ocorreu ao longo de sete décadas, mas, infelizmente, nunca houve uma organização efetiva dos materiais. Esses itens estavam dispersos pela instituição, sem qualquer tipo de inventário preciso sobre o volume documental existente. Embora se soubesse que havia materiais de diversos tipos, incluindo documentos de fundação, tais como atas, livros contábeis e periódicos, bem como fichas de alunos, fitas VHS, fotografias e materiais de divulgação, não havia uma compreensão mais aprofundada do tamanho e do conteúdo exato do acervo.

A descoberta do acervo do ICBNA foi essencial para levantar indícios sobre as conexões entre a memória social de Porto Alegre e uma possível rede de colaboração norte-americana espalhada pelo Brasil (Pinnow, 2014), com a presença de centros binacionais nos principais estados brasileiros. A digitalização de aproximadamente seiscentos itens, incluindo documentos, fotos, periódicos, catalogação de obras de arte e de outros materiais, viabilizou conexões valiosas com o passado das elites intelectuais da cidade e ampliou as possibilidades de análise das relações entre Brasil e Estados Unidos.

Por outro lado, o acervo permitiu compreender a função dos centros binacionais norte-americanos como espaços de memória social e difusão cultural. Entretanto, é importante destacar que até o momento da elaboração deste trabalho não foram encontradas produções acadêmicas sobre os acervos dos demais centros espalhados pelo país. Tendo em vista a complexa relação entre Brasil e Estados Unidos, rica em aspectos culturais, políticos e históricos, faz-se necessário dar luz à existência de tais acervos, para que a memória da influência da cultura norte-americana no Brasil, a parceria estratégica entre os dois países e a presença de instituições norte-americanas no Brasil possam ser relacionadas com o contexto regional das elites intelectuais. Nesse sentido, a análise da memória social preservada em acervos, como o do ICBNA, permite um melhor entendimento sobre essas relações e de seus impactos na brasilidade.

A descoberta dos centros binacionais no Brasil Republicano: ICBNA e Érico Veríssimo como anfitriões

Érico Veríssimo foi, e ainda é, um dos mais importantes expoentes da literatura brasileira, conhecido e exaltado por sua produção literária, bem como por sua atuação na vida cultural do país. Apesar de ser uma figura importante na memória institucional do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano (ICBNA), suas obras não mencionam diretamente sua participação na fundação e no desenvolvimento da instituição. No caso da narrativa do *Livro digital do ICBNA*, por opção da instituição à época do desenvolvimento da obra, a interpretação da ata de fundação foi representada de forma romanceada, contemplativa, destacando Érico Veríssimo como o grande mentor de todo o processo de criação, promovendo uma ideia/discurso de que um grupo de intelectuais teria sido liderado pelo autor. Contudo, a transcrição da ata se apresenta de outra forma:

Às 20h do dia 14 de julho de 1938, reuniram-se na residência do sr. Guy W. Ray cônsul dos E.E.U.U. da América do Norte pessoas interessadas em concretizar a ideia de criação de um instituto cultural surgida numa palestra entre o sr. Guy W. Ray e os bacharelados¹ João Kessler Coelho de Souza, Dante Sfoggia e Paulo Augusto Simões Pires. Após uma rápida dissertação sobre a utilidade e alta significação de um instituto dessa natureza, no sentido de promover um intercâmbio cultural entre as duas nações amigas, o dr. Renato Barbosa propôs que devesse ser eleita a primeira diretoria do instituto ao qual resolveu se dar o nome de I.C.B.N.A., iniciais que significam Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano. A 1ª diretoria do I.C.B.N.A ficou assim constituída: presidente: dr. Renato Barbosa, vice-presidente: escritor Érico Veríssimo, 1º secretário: escritor Limeira Tejo, 2º secretário: bacharelado Paulo Augusto Simões Pires, 1º tesoureiro: bacharelado Dante Sfoggia, 2º tesoureiro: bacharelado Bruno Schuetz, arquivista: bacharelado João Kessler Coelho de Souza. (Chagas; Pinnow, 2008, p. 38)

A relação de Veríssimo com os Estados Unidos foi estreita, e ele visitou o país diversas vezes ao longo de sua vida. Além disso, o autor mantinha contato com escritores e intelectuais estadunidenses, o que lhe permitiu conhecer as tendências culturais do país. Veríssimo sempre destacou a importância da troca cultural para o desenvolvimento da literatura brasileira, e sua atuação no ICBNA, mesmo que ainda levante dúvidas, inspirou inúmeras interpretações sobre seu papel de fato nos processos de fundação e expansão da instituição.

1 Medicina, direito e engenharia são as nomeadas profissões imperiais em nosso país (Coelho, 1999).

Apesar de não mencionar diretamente sua participação no ICBNA em suas obras, é inegável a influência de Veríssimo na memória da instituição. Sua presença é destacada como a liderança que deu origem à organização, e sua atuação na vida cultural de Porto Alegre e do país é lembrada como um marco importante na história da literatura brasileira (Bordini, 2020). Contudo, assim como outros intelectuais envolvidos nos processos de fundação e expansão dos demais centros binacionais do país, somente a exploração dos acervos das supracitadas instituições pode revelar mais indícios da memória social e das relações internacionais no campo cultural da época:

Naturalmente, é de conhecimento corrente que os acontecimentos históricos costumam receber mais do que uma única interpretação. Mas gostaria de fazer dois comentários sobre este fato inegável da vida do historiador. As interpretações podem antes complementar do que contradizer umas às outras, assim como diferentes mapas do mesmo território podem ser igualmente corretos, sem conflitar em ponto algum. A coexistência das interpretações, em suma, é possível e mesmo provável, mesmo que tais interpretações sejam, no bom sentido do termo, parciais. (Gay, 1990, p. 190)

Considerando diferentes interpretações, cruzando a narrativa institucional com as fontes documentais, faz-se necessário compreender a associação de Érico Veríssimo ao ICBNA. A ata de fundação foi escrita na noite de 14 de julho de 1938, mas a associação do escritor só ocorreu no dia 8 de outubro do mesmo ano, sendo o sétimo associado e não o primeiro, como naturalmente seria, caso tivesse sido o grande idealizador do projeto.

ICBNA N.º de Matrícula 7

Instituto Cultural Brasileiro-Norte-Americano

PROPOSTA PARA SOCIO CATEGORIA _____

Nome por extenso Erico Verissimo
(BEM LEGIVEL)

Residência Livraria do Globo Telefone 2369

Profissão escritor Onde exerce. Liv. do Globo

Nacionalidade Brasileiro Naturalidade Ouz Alta

Estado civil Casado

Onde pagará as contribuições? Liv. do Globo

Proponho para socio ativo do INSTITUTO CULTURAL
BRASILEIRO - NORTE-AMERICANO

O Snr. _____
Porto Alegre, 8 de Outubro de 1938

_____ SOCIO PROPONENTE.

DE ACORDO. Erico Verissimo
PROPOSTO.

Acito em _____ de _____ de 193_____

_____ PRESIDENTE. _____ SECRETARIO.

Figura 1 – Proposta para sócio de Érico Veríssimo em 1938. Fonte: ICBNA, 1938

Tendo em vista o reconhecimento público do sétimo associado do ICBNA, Érico Veríssimo, e dos demais intelectuais brasileiros registrados nas memórias institucionais dos centros pesquisados, como fundadores ou partícipes dos referidos processos de fundação, faz-se necessário refletir sobre como tais personalidades se aproximaram dos centros binacionais. Foram escolhidos aleatoriamente pelos atores norte-americanos ou o processo se repetiu pelo interesse local/regional das elites da época? Como conectar a Política de Boa Vizinhaça com as elites regionais brasileiras e os expoentes da intelectualidade na época?

As interpretações no que diz respeito à Política da Boa Vizinhança² e às relações Brasil-Estados Unidos são variadas e passíveis de um balanço historiográfico, uma vez que a política externa brasileira, entre as décadas de 1930 e 1940, protagonizou intensas negociações bilaterais, tanto com os Estados Unidos quanto com a Alemanha. A farta documentação diplomática entre os países citados, as estratégias políticas adotadas pelos *players* do sistema internacional da época em busca da hegemonia global e as contradições de um Brasil sob governo ditatorial, na figura de seu controverso presidente, Getúlio Vargas, são, até os dias de hoje, temas de relevância e com produção constante:

Não por acaso, as relações entre os dois países nas décadas de 1930 e 1940 têm sido foco de análise de dezenas de historiadores brasileiros e estadunidenses ao longo do século XX. É possível encontrar uma vasta produção, com trabalhos que discutem aspectos políticos, econômicos, militares, culturais e científicos. Para este artigo, selecionei alguns textos clássicos, bastante referenciados pela historiografia, e produções mais recentes que se caracterizam pelo foco em novas questões, personagens e abordagens. Desde o final da década de 1960, historiadores estadunidenses e brasileiros têm se debruçado acerca da política externa brasileira. Alguns autores se destacam, como Frank McCann (1974), Stanley Hilton (1975), Moniz Bandeira (1973), Gerson Moura (1982), Mônica Hirst (1982) e Ricardo Seitenfus (1985), pioneiros nos estudos das relações Brasil-EUA. (Cunha, 2023, p. 2)

No recente balanço historiográfico elaborado por Cunha (2023), além das produções clássicas, tais como Bandeira (1973), Bueno e Cervo (2012), Hirst (2009), Moura (1980; 1984), Munhoz (2011), Pecequilo (2011) e Pinheiro (2010), que serviram de base para as pesquisas mais recentes, bancos de dissertações e teses e plataformas de periódicos, não foi identificada qualquer menção aos centros binacionais ou à possibilidade de criação/expansão de redes de colaboração norte-americanas em território brasileiro.

Contudo, enquanto os centros binacionais não são citados na produção historiográfica referente ao processo da difusão cultural norte-americana, no campo do ensino de línguas no Brasil encontram-se algumas referências, como, por exemplo, na revista *História do Ensino de Línguas do Brasil*, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília.³

2 Implementada durante os governos de Franklin Delano Roosevelt, nos Estados Unidos (1933 a 1945), a chamada Política de Boa Vizinhança tornou-se a estratégia de relacionamento com a América Latina no período. Sua principal característica foi o abandono da prática intervencionista que prevalecera nas relações dos Estados Unidos com a América Latina desde o final do século XIX. Disponível em: <https://tinyurl.com/mny5c3wn>. Acesso em: 10 jan. 2023.

3 Disponível em: <http://www.helb.org.br/>. Acesso em: 16 jan. 2023.

Nogueira (2010) descreveu a existência dos centros binacionais, apresentando-os em seu artigo intitulado “Os centros binacionais Brasil-Estados Unidos: sua importância no ensino de línguas no Brasil”. Nele, destacou a ordem cronológica de fundação dos centros, começando pelo Centro Binacional Brasil-Estados Unidos (Ibeu),⁴ inaugurado no Rio de Janeiro, então capital da República, em 13 de janeiro de 1937, um ano antes da fundação do ICBNA. Segundo Nogueira (2010), o processo de criação da entidade cultural binacional teria começado ainda em 1931, pelo professor Stephen Duggan, do Institute of International Education de Nova Iorque,⁵ em visita ao Brasil:

Voltemos a 1931. O mundo ainda sentia os efeitos da crise econômica de 1929, ao passo que os avanços tecnológicos e as mudanças dos paradigmas culturais se demonstravam irrefreáveis em um mundo cuja distância se abreviava gradualmente. Nesse contexto, Steven Duggan, o diretor do Institute of International Education, em Nova Iorque, viajou para a América Latina a fim de fundar uma entidade cultural filiada ao IIE e promover o intercâmbio educacional para além das fronteiras dos Estados Unidos. A ideia não se realizou de imediato, mas amadureceu ao longo de cinco anos. As relações culturais entre Brasil e Estados Unidos foram discutidas por intelectuais de ambos os países, até que o tema foi abordado na Conferência Interamericana de 1936 pelo missionário protestante Guy Inman, um importante ator na histórica política de boa vizinhança promovida pela nação norte-americana. Em 13 de janeiro de 1937, no Salão de Conferências do Palácio do Itamaraty, finalmente foi convocada a Assembleia Geral que originou o Instituto Brasil-Estados Unidos. Mais de cem pessoas testemunharam a solenidade. Entre elas, figuras ilustres, como Austregésilo de Athayde, Francisco Campos, Pedro Calmon, o chanceler Oswaldo Aranha e Afrânio Peixoto, cujo nome seria concedido à futura Biblioteca do Ibeu. Eleito o primeiro presidente, o diplomata Hélio Lobo consolidou a importância do instituto pela sua proximidade com o Itamaraty. A plateia, atenta ao discurso, ouvia-o ressaltar a relevância dos intercâmbios para “a vinda ao Brasil de personalidades representativas da cultura norte-americana e, ao mesmo tempo, a ida aos Estados Unidos de professores e estudantes brasileiros”. O sr. Hélio Lobo renunciava a infinidade de bolsas de estudos que o Ibeu concederia a alunos de ambas as nacionalidades – prática que se mantém até hoje. (Ibeu, 2022, p. 10)⁶

4 Para mais informações acesse: <http://www.ibeu.org.br/por-que-ibeu/historia/>.

5 Para mais informações acesse: <https://www.iiie.org/>.

6 Publicação em homenagem ao aniversário de 85 anos do Ibeu. Distribuição gratuita.

Se por um lado temos a ata de fundação do ICBNA, com Érico Veríssimo, um cônsul norte-americano e demais intelectuais gaúchos, as fontes do Instituto Brasil-Estados Unidos (Ibeu) possuem registros de um grupo de intelectuais e políticos responsáveis pela criação da instituição, em parceria com estrangeiros. Personalidades como Oswaldo Aranha, Assis Chateaubriand, Vital Brasil, Gilberto Freyre, Afrânio Peixoto e Austregésilo de Athayde estavam na assembleia fundadora da instituição no palácio Itamaraty. Segundo o livro comemorativo aos 85 anos do Ibeu, a primeira sede do instituto funcionou na Associação Brasileira de Educação e, após dois anos, a instituição conseguiu alugar sede própria, graças às contribuições financeiras:

A princípio, as aulas concedidas pelo Ibeu contavam com três professores e 18 alunos em um espaço cedido pela Associação Brasileira de Educação. As doações da colônia americana e a contribuição da embaixada dos Estados Unidos possibilitaram alugar a primeira sede própria, na rua México. As aulas particulares não tardaram a evoluir para o Departamento de Ensino de Línguas, que atuou como base da estrutura atual. Ao final da Segunda Grande Guerra, o instituto evoluiu exponencialmente, atingindo a marca de 173 alunos instruídos por oito professores, número que se multiplicaria. Até o final da década, o Ibeu reuniria 3.125 alunos distribuídos em 98 turmas. (Ibeu, 2022, p. 11)

Retomando as reflexões de Nogueira (2010) sobre a importância dos centros binacionais para o ensino de língua, a autora, através das informações consultadas no *Livro digital comemorativo aos 70 anos do ICBNA*, manifesta uma interpretação romanceada da ação dos intelectuais gaúchos:

A influência política e cultural europeia era muito forte no Brasil nas primeiras décadas do século XX, principalmente no sul do país. O Rio Grande do Sul era uma província castilhistas,⁷ mas na década de 1930 já tinha gerado um líder nacional, Getúlio Vargas. Para contrapor-se ao avanço das ideias nacionalistas alemãs, um grupo de intelectuais gaúchos, entre eles o escritor Érico Veríssimo, decidiu criar o Instituto

7 O grupo castilhista predominou durante toda a Primeira República brasileira (1889-1930), tornando-se núcleo disseminador de uma proposta antidemocrática, embasada no Apostolado Positivista do Brasil da época. Uma adaptação da doutrina de Auguste Comte, cuja ideia central se ancorava no republicanismo autoritário. O grupo ganhou esse nome por apoiar Júlio de Castilhos, conhecido como o “patriarca do Rio Grande do Sul”, que foi presidente do Rio Grande do Sul por duas vezes e principal autor da Constituição estadual de 1891. Abranches, J. *Governos* (v. 1, 2); Abreu, A. *Dicionário histórico biográfico brasileiro pós-1930. Partido Republicano Rio-Grandense* (verbetes adaptados pelo autor). Disponível em: <http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em: 16 fev. 2024.

Cultural Brasil Norte-Americano. Era o ano de 1938 e a iniciativa recebeu total apoio da embaixada americana. Por quase cinco anos o Cultural dedicou-se a atividades eminentemente culturais, mas a falta de conhecimento da língua inglesa por parte da comunidade gaúcha era um fator que impedia uma maior integração entre os países. Foi assim que, a partir de 1943, foi aberto o primeiro curso de inglês do Rio Grande do Sul, pioneiro por décadas no ensino desse idioma. (Nogueira, 2010, p. 14)

A análise realizada pela autora apresenta uma inferência sobre a fundação do Instituto de Cultura Brasil-Norte Americano (ICBNA). De acordo com as fontes documentais disponíveis no acervo do ICBNA, não há indícios que comprovem a hipótese apresentada por Nogueira (2010) de que a criação do instituto teve como objetivo contrapor-se ao nacionalismo alemão. Embora o artigo tenha o objetivo de exaltar a criação dos centros binacionais, a interpretação dos processos de fundação não seguiu uma metodologia historiográfica rigorosa, mas sim uma abordagem descritiva.

Vale ressaltar que o artigo enfatiza a ambição e o pioneirismo dos intelectuais da época, mas não há uma explicação concreta sobre a verdadeira motivação para a fundação do instituto. Dessa forma, faz-se necessário que futuras pesquisas tragam subsídios para que possamos ter uma ideia mais precisa sobre o assunto. Além disso, destaca-se que o objetivo principal do artigo de Nogueira (2010) é relatar a importância dos centros binacionais no ensino de línguas, o que sugere que a interpretação dos processos de fundação não foi alvo de uma análise aprofundada e comparativa.

Dois centros foram mencionados até aqui, ambos fundados no final da década de 1930, com personalidades de renome nacional e internacional. Dois estados importantes e com influência política no território nacional. Rio de Janeiro era a capital do país na época, e Rio Grande do Sul, o estado de origem do então presidente Getúlio Vargas.

Com todas as características citadas, entre outras, somam-se os livros de memória, comemorativos aos aniversários institucionais, e a dissertação de mestrado sobre o ICBNA, realizada pelo autor principal deste artigo. Como já argumentado anteriormente, não há menção nos repositórios de artigos, dissertações e teses acadêmicas sobre a importância dos acervos dos centros binacionais para a compreensão sobre a memória social do processo e da complexidade das relações entre Brasil e Estados Unidos.

Nesse sentido, tal lacuna historiográfica, que permite compreender um silenciamento/esquecimento dessas articulações entre atores norte-americanos e elites regionais, nos leva a inferir que a verossimilhança entre os processos e o estabelecimento de 33 centros binacionais (ativos em 2023) caracterizam a estruturação de uma sofisticada rede de apoio norte-americano que foi se ampliando ao longo das décadas do século XX.

A expansão das redes de colaboração norte-americanas no Brasil durante o século XX: a função libertadora dos acervos frente ao enquadramento de memória

No cruzamento entre as fontes dos acervos dos centros binacionais e as fontes diplomáticas, fica evidente a presença de atores norte-americanos em território brasileiro. Há conexões entre os nomes mais importantes das elites intelectuais/regionais espalhados pelo país no processo de criação de aproximadamente 33 centros binacionais,⁸ chancelados pelo governo americano e estabelecidos em importantes cidades brasileiras. Conforme a Coligação de Centros Binacionais,⁹ os centros binacionais (BNCs) se consolidaram como espaços voltados para o ensino de inglês, com grandes bibliotecas, galerias de arte, espaços para shows, programas culturais, promoção de intercâmbios, testes de proficiência e serviços de aconselhamento para brasileiros estudarem nos Estados Unidos.



Figura 2 – Mapa da Associação dos Centros Binacionais da América Latina.¹⁰ Fonte: Abla, 2023.

8 Para mais informações: <https://br.usembassy.gov/pt/education-culture-pt/espacos-americanos/centros-binacionais>.

9 Para mais informações: <http://coligacaobnc.com.br>.

10 Disponível em: <http://www.ablaonline.org/bnc>. Acesso em: 20 jan. 2023.

Após uma detalhada análise nos portais dos respectivos centros, constata-se que as descrições institucionais apresentam os BNCs como instituições sem fins lucrativos e autônomas, que têm o intuito de promover uma compreensão social mútua entre o Brasil e os Estados Unidos, desenvolvendo uma série de programas educacionais, culturais e informativos.

Além de oferecer o ensino de língua inglesa, informações sobre os Estados Unidos e oportunidades de participação em programas culturais, os centros binacionais também oferecem aconselhamento a interessados em estudar nos Estados Unidos e suporte na inscrição para programas de intercâmbio patrocinados pelo Departamento de Estado Americano, incluindo os programas Jovens Embaixadores, Ylai, Steam Tech Girls e Power4Girls.¹¹

Analisando o processo de criação e expansão dos centros binacionais, juntamente com outras instituições vinculadas à embaixada dos Estados Unidos, considerando a quantidade de acervos a serem explorados e tendo em vista a escassez de trabalhos, constata-se que a concepção de Halbwachs (2006) sobre memória e suas análises acerca dos quadros sociais que a constituem podem fornecer subsídios relevantes para a pesquisa da memória coletiva “enquadrada” sobre o tema, consolidada na historiografia brasileira:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que nos tragam seus testemunhos; é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras, para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum. (Halbwachs, 2006, p. 12)

A argumentação proposta, com base nas fontes pesquisadas, traz à tona algumas questões de ordem processual, confrontando produções historiográficas citadas ao longo deste trabalho. Colocadas nesses termos, as narrativas sobre o passado das relações entre Brasil e Estados Unidos, somadas às interpretações sobre a memória social da América do Sul, podem ser situadas em uma zona cinzenta, cujos horizontes nem sempre são perceptíveis entre a cultura histórica, problematizada por Gontijo (2014), a memória enquadrada, discutida por Pollak (1989) e as novas perspectivas que abarcam os usos do passado e da memória em novos campos:

11 Para mais informações acesse: <https://bityli.com/A9duD>.

Sobre cultura histórica, convém lembrar que o conceito tem sido pensado desde os anos 1980 e 1990 de forma sistemática por autores como Jörn Rüsen, Aleida e Jan Assmann, Bernard Guenée e Jacques Le Goff, em diálogo com estudiosos da relação entre história e memória coletiva, como Pierre Nora, Paul Ricoeur etc. De modo geral, parte-se da constatação de que a visão que uma dada sociedade tem de seu passado não é resultado exclusivo, nem mesmo predominante, da produção dos historiadores acadêmicos. As imagens, ideias, nomes e valores que compõem a visão do passado resultam de uma série de fatores que atuam em um processo dinâmico de discussão sobre a experiência passada e a construção de sentido. A cultura histórica abarca, portanto, os múltiplos enfoques e narrativas onde o que está em jogo não é o conhecimento erudito sobre a história, mas a autocompreensão da comunidade num dado presente e suas possibilidades de projeção no futuro. (Gontijo, 2014, p. 45)

O resultado da cultura histórica e a visão que uma sociedade possui de seu passado não é resultado exclusivo da produção historiográfica, ou mesmo das dinâmicas memoriais, mas sim de um processo *sui generis*, relacionado às memórias individuais, à memória coletiva e ao sentido atribuído a estas na interpretação do passado. A produção de conhecimento e a pesquisa acadêmica também podem ser “enquadradas” pelo “presenteísmo”, num processo sistêmico de direcionamento e circulação teórico-metodológico. Nesse sentido, o elemento libertador ainda são os acervos e suas fontes primárias, não pelo pensamento positivista da “verdade” das fontes, mas pela subjetividade interpretativa dos fragmentos de um todo, de uma teia e suas dimensões ainda não exploradas.

No que tange às relações entre Brasil e Estados Unidos, a análise das articulações das diferentes memórias, estabelecidas na cultura histórica, pode demonstrar que o processo histórico sobre o tema tenha sofrido um enquadramento da memória coletiva, principalmente, considerando os eventos históricos após a segunda metade do século XX, com a bipolaridade consolidada pela Guerra Fria.

Uma vez identificada tal possibilidade de análise da memória coletiva, problematizada nesse caso, recorre-se à contribuição de Pollak (1989), na qual o autor questiona a natureza dos processos e fatos sociais a serem compreendidos, estabelecidos e propagados como coisas, em vez do questionamento de “como os fatos sociais tornam-se coisas, como e por quem são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (Pollak, 1989, p. 3-15), construindo-se, assim, a ideia de uma memória enquadrada em lugar de memória coletiva.

A reflexão de Pollak (1989) instiga a pensar na ideia construída sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos, com temas que giram em torno de questões políticas, econômicas, diplomáticas e socioculturais, mas que não problematizam

de maneira objetiva a memória coletiva, do ponto de vista dos interesses das elites latino-americanas para com os Estados Unidos. Como a expansão das redes de colaboração norte-americanas, por intermédio inicial dos centros binacionais, se manteve oculta, silenciada ou esquecida das narrativas históricas?

No que tange ao campo da memória social e institucional, os centros binacionais e seus acervos, com circulação de renomadas personalidades históricas, se mantiveram e se mantêm ofuscados, inacessíveis e condicionados à celebração das elites regionais que compõem seu tecido social. Como tal processo impactou a construção da identidade nacional e sua percepção sobre os Estados Unidos? O que de fato impulsionou a criação do imaginário social do *american way of life* no Brasil? Nesse sentido, para trabalhar com o imaginário como âncora, a exemplo do caso da difusão cultural norte-americana no Brasil, Baczko (1984) ressalta que as elites, políticas ou intelectuais, percebem rapidamente que dispositivo simbólico, representado pela cultura, constitui um instrumento efetivo para influenciar e reorientar a sensibilidade coletiva e, conseqüentemente, influenciá-la. Por fim, tais questões serão investigadas em trabalhos futuros, conforme a ampliação da pesquisa nos acervos das redes de colaboração, em específico, dos centros binacionais norte-americanos.

Considerações finais

A função social dos acervos institucionais para os pesquisadores do passado é essencial para as interpretações do mundo contemporâneo, bem como para a releitura do tempo-presente. Os fragmentos de memória desvendados a partir das descobertas de novos acervos podem ressignificar conceitos, contextos, narrativas, além de problematizar visões distintas sobre temas complexos que permeiam a sociedade:

Os documentos de arquivo não são representações da memória coletiva, e as instituições arquivísticas não são depósitos de memória coletiva. Ao contrário, os arquivos são fontes para a potencial descoberta ou recuperação de memórias que haviam sido perdidas. Uma vantagem particular que os arquivos possuem enquanto veículos de memória coletiva (além de sua persistência) é que eles podem permanecer insuspeitados e imperturbáveis enquanto as memórias individuais se esvaem, enquanto a memória coletiva é reconfigurada, ou até mesmo enquanto existem esforços conscientes de se apagar a memória. (Hedstrom, 2016, p. 255)

A consciência histórica estabelecida, problematizada por Rüsen (2009), bem como a já citada memória enquadrada em torno das transformações de um

processo complexo, como a expansão dos centros binacionais, são por demais desafiadoras. A dinâmica do ICBNA, por si só, com seus quase noventa anos de história, e os grupos sociais que por lá passaram contribuíram para a construção de um imaginário social, repleto de simbolismos, e para a gênese de uma ideia sobre os Estados Unidos, que está até os dias de hoje impregnada na sociedade gaúcha.

Em tempos de internacionalização dos processos educacionais, conforme aponta João (2008), com o advento e a popularização do bilinguismo, das escolas internacionais,¹² das oportunidades de ensino superior, pós-graduação e intercâmbios em instituições norte-americanas, faz-se necessário compreender como as redes de colaboração norte-americanas moldaram o imaginário social da sociedade brasileira ao longo do século XX. Considerando que os centros binacionais foram os pioneiros no processo de intercâmbio e difusão cultural, com o desejo das diversas elites que compõem a sociedade brasileira, as considerações finais deste artigo se propõem a refletir sobre a relação entre os acervos dos centros binacionais e a identidade nacional frente ao processo exposto até aqui:

Precisa-se do empenho governamental para articular em uma agência os interesses relativos ao desenvolvimento educacional, científico e cultural no hemisfério ocidental. Trata-se de homogeneizar formas de pensamento. Deve ser iniciada uma campanha para capturar a elite intelectual ibero-americana através do rádio, da televisão, de livros, de artigos e folhetos, de mais doações, bolsas de estudos e premiações. Consideração e reconhecimento são o que mais agrada aos intelectuais e um programa com essas características poderá atraí-los. (Pinsky, 2007, p. 139)

A bem-sucedida jornada de nossos “vizinhos” possui multifatores a serem analisados, os quais não serão todos contemplados aqui, pois demandam uma gama maior de cruzamentos interdisciplinares para um melhor entendimento sobre o processo. Contudo, há um grupo social que fica evidenciado nas memórias e narrativas institucionais, seja pela articulação com os atores norte-americanos, seja pelo poder de difusão cultural ou pelo convencimento social: as elites brasileiras, consumidoras do *american way of life*, com representatividade e poder simbólico frente às diferentes esferas sociais.

Nesse sentido, no contexto atual das pesquisas sobre memória social, alguns conceitos encontram variáveis conforme sua aplicabilidade, uma vez que o efeito do “presentismo” contribui decisivamente para algumas releituras das

12 Para mais informações acesse: <https://educacaobilingue.com/escolas/escolas-internacionais>.

combinações empregadas, como, por exemplo, no caso específico das conexões entre os conceitos de memória social e identidade.

Por conseguinte, vale lembrar que a ação do tempo precisa ser considerada à medida que os campos de estudo sobre memória social são aprofundados, a partir das muitas pesquisas transversais que estão relacionadas ao conceito. Memória social e identidade são conceitos que dialogam e se complementam, mas que em muitos casos possuem significados e percursos teórico-metodológicos que são influenciados potencialmente pelo “presentismo” do imaginário social e da conjuntura política, impulsionada pelas transformações do sistema internacional.

O percurso exposto até o momento serve de base para a compreensão do processo de expansão dos centros binacionais, a formação de seus acervos e seus impactos na identidade brasileira. O artigo de James Fearon, intitulado “What is identity (as we now use the word)?”, publicado em novembro de 1999, na véspera do que ficou convencionalizado chamar de “virada do milênio”, e o trabalho seminal de Stuart Hall intitulado *A identidade cultural na pós-modernidade*, publicado também na década de 1990, podem dar subsídios importantes para a compreensão de como a identidade cultural do Brasil foi diretamente influenciada pelos Estados Unidos.

Fearon (1999) inicia sua análise problematizando o sentido da “identidade”, no qual afirma a complexidade e centralidade do conceito nos inúmeros debates que envolviam a ciência política, todos ancorados em questões nacionais, étnicas, de gênero e de identidades nacionais. Entretanto, o autor entende que os usos, interpretações e aplicabilidades do conceito de “identidade”, tal como o conhecemos hoje, foram conquistados graças aos avanços das pesquisas no campo da psicologia, citando o pesquisador e psicólogo Erik Erikson e seus estudos no decorrer da década de 1950 como essenciais para a compreensão do conceito.

Nessa perspectiva, considerando a proposta de Fearon (1999), percebem-se algumas possibilidades de interpretação e aproximação do conceito no campo do imaginário social problematizado por Baczko (1984), seja nos contextos cotidianos, seja no campo das ciências sociais. Com isso, tendo em vista o número de centros binacionais consolidados no Brasil ao longo dos anos 1990, é importante relembrar que o período de produção do autor estava amarrado às problematizações do fim do milênio, no vácuo dos impactos da nova ordem mundial ocasionada pelo fim da Guerra Fria. Houve então um rearranjo das hegemonias no sistema internacional, com muitas “fraturas” epistemológicas a serem elucidadas, tendo em vista a expansão dos estudos pós-coloniais e as memórias enquadradas no campo de análise entre as relações Brasil e Estados Unidos.

Entretanto, a cultura norte-americana, considerando a nossa identidade nacional, permaneceu cooptando seguidores/consumidores, uma vez que a memória enquadrada sobre o ensino da língua inglesa, as possibilidades de intercâmbio e o “sonho” de experimentar o estilo de vida norte-americano estavam potencializados com as perspectivas da virada do milênio. Vale ressaltar que foi nesse período que os centros binacionais expandiram suas filiais, contando que a virada do milênio seria promissora, vide o exemplo do ICBNA:

O ICBNA, entre as décadas de 1980 e 1990, construiu filiais em bairros tradicionais de Porto Alegre, Petrópolis, Moinhos de Vento e Tristeza, buscando ampliar sua área de atuação e principalmente estabelecer o ensino de inglês por toda a capital. Nas décadas subsequentes, os investimentos da embaixada parecem ter diminuído, o ensino de inglês se propagou através de outras redes privadas e o ICBNA, preso ao *glamour* de sua fundação, não conseguiu acompanhar as novas exigências de mercado. A instituição cedeu sua marca, por cinco anos, para um grupo multinacional exercer as atividades de docência na língua inglesa. Sem o ensino de inglês, tentou projetar-se novamente no cenário cultural, assim como no início de suas atividades na década de 1930, mas sem sucesso, o que fatalmente coincidiu com o aluguel de alguns andares de sua sede, venda das filiais e da biblioteca. As únicas atividades exercidas pela instituição são os projetos sociais em parceria com a embaixada norte-americana. O acervo atualmente está acondicionado de maneira imprópria em um box mantido pela instituição na zona norte de Porto Alegre. (Pinnow, 2014, p. 125)

Se Fearon (1999) analisa os usos da “identidade” como categoria social, definida por regras de associação, embasada em comportamentos esperados e, também, com características socialmente distintivas, Hall (2005), por outro lado, problematiza de forma mais pontual a questão da identidade cultural. Esse autor refere-se a uma modernidade tardia na tentativa de definir a existência ou não de uma “crise” de identidade, considerando, assim, os inúmeros processos relacionados ao sistema-mundo de Wallerstein (2000) e a possibilidade de uma descentralização identitária, oriunda dos reflexos da globalização e dos desdobramentos de um jogo de identidades. Em tese, se considerarmos as reflexões dos autores, focando a trajetória dos centros binacionais, podemos considerar que a crise identitária no Brasil possui raízes históricas oriundas do processo colonizatório, bem como de nossa independência tardia.

Contudo, o processo de difusão cultural promovido pelos atores norte-americanos pode ser analisado considerando a proposta de Fearon (1999), com os usos da “identidade” como categoria social e de associação, e ao mesmo tempo

sob a ótica de Hall (2005), com a possibilidade de uma crise identitária, especificamente no imaginário social das elites intelectuais brasileiras.

Assim, a problematização de uma cultura histórica, da identidade e da memória social estabelecida/enquadrada não é tão simples. Trata-se de um longo processo de construção da consciência histórica, de remanejar os usos da memória e de ampliar os debates em torno das novas possibilidades de análise. Para tanto, as contribuições de Paul Ricoeur (2007) também se tornam relevantes e preponderantes para o encerramento do presente trabalho sobre as relações entre Brasil e Estados Unidos, uma vez que o autor problematiza os excessos e erros nos usos da memória, assim como as variações nas políticas de esquecimento, o que na visão de Ricoeur (2007) dificulta a construção de uma justa memória e, conseqüentemente, no caso desta pesquisa, da cultura histórica:

Preocupação pública: perturba-me o inquietante espetáculo que apresenta o excesso de memória aqui, o excesso de esquecimento acolá, sem falar da influência das comemorações e dos erros de memória – e de esquecimento. A ideia de uma política da justa memória é, sob esse aspecto, um de meus temas cívicos confessos. (Ricoeur, 2007, p. 17)

Complementando os apontamentos de Ricoeur (2007), porém com um olhar mais pessimista, Rüsen (2009) salienta que houve uma crise estrutural no século XX, a qual chama de “catastrófica”, que interferiu decisivamente na consciência histórica e na capacidade de portar e promover sentido nas narrativas construídas. Rüsen é categórico ao afirmar:

Uma “crise catastrófica” destrói o potencial da consciência histórica de processar a contingência em uma narrativa portadora e provedora de sentido. Nesse caso, os princípios básicos da geração de sentido em si mesmos, que permitem a coerência da narrativa histórica, são desafiados ou mesmo destruídos. Eles precisam ser transgredidos em um aqui e agora cultural ou mesmo abandonados. Por isso, é impossível dar a essa crise um lugar na memória daqueles que precisam sofrê-la. Quando isso ocorre, a linguagem do sentido histórico silencia. Ela torna-se traumática. Leva tempo, algumas vezes mesmo gerações, para se encontrar a linguagem na qual seja possível articulá-la. (Rüsen, 2009, p. 8)

Os autores analisados contribuem para o desenvolvimento da pesquisa a partir dos usos da memória e com contribuições para a cultura histórica. A crise citada por Rüsen (2009), bem como a preocupação pública de Ricoeur (2007), evidenciam a necessidade de os pesquisadores do passado tomarem ciência da relação

entre história e memória, da problematização dos esquecimentos, da identificação dos silenciamentos e da urgente correção dos anacronismos que moldam o conhecimento histórico. E por falar em anacronismos, os acervos dos centros binacionais e suas respectivas fontes primárias estão no limbo, esquecidos e com inúmeras possibilidades de análise de um processo ainda em transformação.

Este artigo tentou articular as contribuições de diferentes autores e suas conexões com a pesquisa sobre a expansão das redes de colaboração norte-americanas, formadas pelos centros binacionais espalhados pelo país. Ressalta-se que os acervos das instituições apresentadas aqui possuem potencial de incorporar novas perspectivas de análise ao tema Brasil-Estados Unidos, não desqualificando as produções existentes, mas “desenquadrando” a cultura histórica e a memória social sobre o tema de narrativas que isentam as elites brasileiras dos resultados do processo executado.

Referências

- ABLA. *American Spaces* BNCc WHA. Disponível em: <http://www.ablaonline.org/bnc>. Acesso em: 20 jan. 2023.
- BACZKO, Bromslaw. *Les imaginaires sociaux: mémoires et espoirs collectifs*. Paris: Payot, 1984.
- BANDEIRA, Moniz. *Presença dos Estados Unidos no Brasil: dois séculos de história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.
- BUENO, Clodoaldo; CERVO, Amado Luiz. *História da política exterior do Brasil*. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2012.
- BORDINI, Maria da Glória. *Matérias da memória*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020. 258 p.
- BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica*. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- CHAGAS, Emílio; PINNOW, Rodrigo Vieira. *Cultural 70 anos: livro digital comemorativo aos 70 anos do Instituto Cultural Brasil Norte-Americano*. [s.l.]: Instituto Cultural Brasil Norte-Americano, 2008. CD-ROM.
- COELHO, Edmundo. *As profissões imperiais: medicina, engenharia e advocacia no Rio de Janeiro – 1822-1930*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CUNHA, Adriana Mendonça. *Relações EUA e América Latina nas décadas de 1930 e 1940. Crítica Historiográfica*, Natal, v. 3, n. 9, jan./fev. 2023. Disponível em: <https://tinyurl.com/8autnvms>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- FEARON, James D. *What is identity (as we now use the word)*. Stanford University, Stanford, Calif, 1999.
- GAY, Peter. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhardt*. São Paulo: Companhia da Letras, 1990.
- GONTIJO, Rebeca. *Sobre cultura histórica e usos do passado: a Independência do Brasil em questão. Almanack*, Guarulhos, n. 8, p. 44-53, dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-46332014000200044&lng=pt&nr-m=iso. Acesso em: 9 fev. 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-4633201400803>.
- HALBWACHS, Maurice. *Memória individual e memória coletiva*. In: HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29-70.
- HEDSTOM, Margaret. *Arquivos e memória coletiva: mais que uma metáfora, menos que uma analogia*. In: EASTWOOD, T.; MACNEIL, H. (org.). *Correntes atuais do pensamento arquivístico*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2016. p. 237-259.

- HIRST, Monica. *Brasil-Estados Unidos: desencontros e afinidades*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2009.
- IBEU. *Publicação em homenagem ao aniversário de 85 anos do Ibeu*. Distribuição gratuita. Rio de Janeiro, 2022.
- ICBNA. *Documentos de fundação: livro de atas de 1938 a 1940*. Porto Alegre: [s.n.], 1938.
- JOÃO, B. do N. Internacionalização da educação. *Revista de Administração de Empresas*, v. 48, n. 3, jul. 2008.
- NOGUEIRA, Margareth. Os centros binacionais Brasil-Estados Unidos: sua importância na história do ensino de línguas no Brasil. *Revista Helb*, Brasília, ano 4, n. 4, 1/2010.
- MOURA, Gerson. *Autonomia na dependência: a política externa brasileira de 1935 a 1942*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- MOURA, Gerson. *O tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1984.
- MUNHOZ, Sidnei; SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.). *Relações Brasil-Estados Unidos: séculos XX e XXI*. Maringá: Eduem, 2011.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. *A política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?* 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2011.
- PINSKY, Jaime et al. *História da América através de textos*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- PINHEIRO, Letícia. *Política externa brasileira (1889-2002)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- PINNOW, Rodrigo Vieira. *As inferências da política externa estadunidense sobre a América Latina no século XX: o caso do Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano - ICBNA/RS*. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- POLLACK, Michael. La gestion de l'indicible. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 62-63, p. 30-53, jun. 1986.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. t. I. Tradução de Constança Marcondes César. Campinas, SP: Papyrus, 1994.
- RÜSEN, J. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da historiografia*, Ouro Preto, v. 2, n. 2, p. 163-209, 2009. DOI: 10.15848/hh.voi2.12. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/12>. Acesso em: 28 fev. 2023.
- WEINSTEIN, Bárbara. Repensando a história das relações Estados Unidos-América Latina: de dominação política a circulação cultural? *Textura*, n. 9, p. 9, Canoas, RS, abr./out. 2003.
- WALLERSTEIN, Immanuel. America and the world: today, yesterday, and tomorrow. In: *The essential Wallerstein*. p. 387-415. (Artigo publicado originalmente in *Theory and Society*, v. XXI, n. 1, fev. 1992, p. 1-28).

Recebido em 1/3/2023

Aprovado em 17/1/2024